



Agreste

Mariângela Alves de Lima

Há mais de meio século o teatro brasileiro elegeu a região do semi-árido nordestino como a paisagem predileta para ambientar o sentido do trágico. Lugar posto à margem da História, onde condições hostis à sobrevivência consomem a força vital da população, é, por essa razão, o cenário escolhido por artistas para sediar conflitos humanos universais e atemporais. Sob a aparente imobilidade da vida social regida por noções arcaicas de honra e dever agitam-se paixões exemplares. Em meio à escassez material é possível desenhar, em alto contraste, a aniquilação do homem por forças inelutáveis. *Agreste* trilha essa vereda pavimentada por grandes autores como Ariano Suassuna e Joaquim Cardoso, e por dramaturgos de ressonância menor. Tal como seus ilustres predecessores, Newton Moreno faz com que sua narrativa seja uma condenação implícita do atraso e do exílio a que foram condenados os sertanejos. Suas personagens estão fora do tempo porque foram esquecidas. Estão à mercê do obscurantismo porque que vivem da mão para a boca, sem recursos para aprender alternativas, ponderar, decidir e transformar os valores que regem o comportamento da comunidade. No entanto, embora parte da circunstância, a igno-

rância e miséria não resumem, nesta peça, o interesse dramático.

Sendo um hábil contador de histórias o autor lega ao público a tarefa de distinguir o essencial do contingente. A narrativa, feita ao modo indireto do teatro épico, se inicia por meio de uma descrição cheia de detalhes sedutores da corte amorosa. Um casal de lavradores namora à distância, desenha lentamente os rituais silenciosos de mútua aceitação e, por fim, empreende uma fuga para formar, em uma zona rural remota, um lar pacífico e isolado. Toda a primeira parte da trama, precedendo o conflito trágico, é arquitetada com deliberada simplicidade de vocabulário e sintaxe. Há o ritmo da hesitação, a magnetização lenta que ocorre entre os amantes, os percalços da fuga e, por fim, o recatado início da vida conjugal sob um teto comum. Em nada o casal se distingue de outros pares amorosos, exceto talvez pelo pudor dos que amam sem saber falar dos sentimentos. São essenciais para essa primeira parte da narrativa a serenidade das imagens invocadas pela voz dos atores, a sugestão de rotina e a atmosfera que não é a explicitamente sensual, mas antes de aconchego satisfatório que mantém o casal apartado dos vizinhos. Trata-se de uma reserva con-

Mariângela Alves de Lima é crítica de teatro. O texto acima foi publicado no suplemento *Caderno 2* do jornal *O Estado de S.Paulo*.

dizente com a história do par, que não se manifesta como ocultamento. Até que a morte os separe depois de mais de duas décadas de convivência marido e mulher vivem – tal é a perspectiva dos narradores – na boa paz dos que não fazem a si mesmos muitas perguntas.

A morte e os incidentes reveladores que a cercam transferem o protagonismo para a comunidade. Diante da diferença acende-se o estopim de uma fúria punitiva que o texto apresenta como uma espécie de fogo lento à espera de uma brisa propícia para se expandir. Desdobrando-se em personagens de traços caricatos como carpideiras e um capataz que representa a sentença do coronel, os atores têm a tarefa de configurar a histeria coletiva impulsionada em parte pela ignorância, mas também pela crueldade. Sem complacência, sem atenuar a caracterização por respeito à indigência material e espiritual dos envolvidos, o texto enfrenta a questão mais complexa da intolerância como um componente obscuro e recalcado de qualquer agrupamento social.

Este talvez seja o aspecto mais perturbador dessa peça superficialmente ancorada na representação de uma sociedade arcaica. Por contágio, de um modo quase inconsciente, o grupo de define contra a alteridade. Mobiliza-se para extirpá-la, cresce em dinamismo e energia quando encontra um pretexto para reafir-

mar um antigo código de conduta. Só quando vigia e pune a comunidade se fortalece e se torna sujeito da ação. Fora disso é vítima excluída do processo civilizatório. O auto-de-fé promovido pelos vizinhos do casal é, portanto, o seu momento afirmativo.

Sob a direção de Márcio Aurélio o espetáculo reforça o componente trágico que não depende de uma caracterização localista para se constituir em cena. As vozes dos atores-narradores são sóbrias e complementares. Há o tom mais grave e mais agudo, indicando o formato de cantata. As repetições e ressonâncias da primeira parte do texto são extraordinariamente bem-feitas, controladas como se obedecessem a uma partitura. Ecoam sugerindo uma espécie de fundo infinito, e quase vemos a paisagem vasta, a perambulação solitária dos amantes e a mansidão com que se estabelecem e criam a sua rotina conjugal. Na segunda parte prevalece o grotesco e, por essa razão, o espetáculo inclui algumas intervenções caricatas. Mesmo as caricaturas são sóbrias, dosadas para sugerir a aliança produtiva entre malícia e crueldade.

Com uma composição bem articulada e dois intérpretes (Paulo Marcello e João Carlos Andreazza) capazes de realizar a sugestão musical do texto não fariam falta os violinos da trilha sonora sublinhando o lirismo e a tragicidade.